
Aspectos pragmáticos da interpretação da informação temporal

TELMO MÓIA

Como é comumente reconhecido, o Tempo é uma área da significação em que as questões pragmáticas se colocam de forma particularmente relevante. Seguidamente, verificaremos esta afirmação através de exemplos ilustrativos do português. Na secção 1, identificarei algumas grandes áreas de interacção entre semântica temporal e pragmática e, na secção 2, discutirei construções particulares com adjuntos temporais que revelam a especial complexidade dos condicionamentos pragmáticos ao processamento da informação temporal.

1. Grandes áreas de interacção entre semântica temporal e pragmática

Entre as áreas da semântica temporal que colocam desafios interessantes – e em certos casos, específicos – do ponto de vista pragmático, destacarei aqui quatro, que me parecem especialmente importantes.

A. Dêixis e anáfora temporal

A grande área da dêixis e da anáfora temporal inclui destacadamente a dimensão dêictica e anafórica dos tempos verbais e o recurso a sintagmas temporais dêicticos e anafóricos.

Como é sabido desde Reichebach (1947) e tem sido reiterado em teorias do tempo verbal de inspiração reichenbachiana, como a de Kamp e Reyle (1993), a análise semântica dos **tempos verbais** requer que se considere centralmente o momento da enunciação e um ponto de referência – ou de perspectiva temporal – definido a partir dele. Ponto de perspectiva e momento da enunciação podem coincidir, nos tempos que podemos chamar dêicticos, como o Presente do Indicativo ou Pretérito Perfeito Simples; vejam-se frases como *o Paulo já está em casa* ou *o Paulo já chegou*, em que a situação é perspectivada a partir do momento da fala. O ponto de perspectiva pode ainda ser definido no contexto discursivo: por exemplo, a partir de uma expressão adverbial, na própria frase – como em *às cinco horas, o Paulo já tinha chegado / estava em casa* ou *quando a Ana telefonou, o Paulo já tinha chegado / estava em casa* – ou a partir de uma frase anterior – como em *a Ana telefonou às cinco; o Paulo (já) tinha chegado / estava em casa*. A definição discursiva do ponto de perspectiva verifica-se essencialmente com os tempos que podemos chamar anafóricos, como o Pretérito Imperfeito ou o Pretérito Mais-Que-Perfeito, que não são normalmente utilizados em início de discurso. Os factos aqui apresentados revelam a dimensão dêictica e anafórica do tempo verbal nas línguas naturais, que permite estabelecer uma analogia interessante entre pronomes e tempos verbais (sublinhada já em Partee 1973).

No plano lexical e sintáctico, destaca-se a existência de um subgrupo particularmente importante e extenso de **sintagmas temporais** que envolvem dependências do momento da enunciação ou de um intervalo definido discursivamente. Estes sintagmas dêicticos e anafóricos, bastante estudados

TELMO MÓIA

na literatura (cf., entre muitos outros, Borillo 1983 ou, para o português, Alves 2003), são sobremaneira diversificados, quer do ponto de vista categorial/estrutural quer do ponto de vista semântico, como se pode verificar através dos seguintes exemplos ilustrativos:

- (1) *hoje, ontem, amanhã, o ano passado, nos últimos três meses, já a seguir, há um ano atrás, dentro de uma hora* [EXPRESSÕES DÊICTICAS]
- (2) *então, na altura, na véspera, dois meses antes, havia dois anos, pouco depois, daí a quinze dias, no mês seguinte* [EXPRESSÕES ANAFÓRICAS]
- (3) *desde 1980, entretanto, há dois anos, agora, recentemente, no domingo* [EXPRESSÕES AMBIVALENTES, DÊICTICAS OU ANAFÓRICAS]

B. Segmentação do eixo do tempo (calendário)

Uma segunda área importante, com especificidades próprias, envolve o calendário, uma segmentação culturalmente definida do eixo do tempo. Com efeito, uma parte significativa das relações temporais no discurso são definidas mediante **expressões do calendário**, as quais condicionam fortemente o nosso raciocínio inferencial (cf. e.g. Kamp e Schiehlen 2002). Eis alguns exemplos ilustrativos da diversidade desta classe de expressões:

- (4) *às 11 h do dia 15 de Março, o terceiro trimestre do ano, o último domingo de Março, no domingo, na tarde de sexta-feira, de quatro em quatro verões, há três domingos atrás* [EXPRESSÕES DO CALENDÁRIO]

Mostrarei agora, através de dois exemplos muito simples, como a interpretação de expressões do calendário interage directamente com aspectos pragmáticos. O primeiro exemplo envolve um tipo de ambiguidade discutido em Mória (2000) a

propósito de frases como *quais foram os lucros desta empresa nos últimos três anos?* Note-se que esta frase pode inquirir acerca dos lucros obtidos nos três anos do calendário que precedem o ano em que tem lugar a enunciação – por exemplo, se a frase fosse dita em Setembro de 2010, poderia envolver os anos 2007, 2008 e 2009 (naturalmente, esta é a leitura preferencial, se o lucro da empresa for apurado contabilisticamente ano a ano); pode ainda inquirir acerca dos lucros obtidos no período de (aproximadamente) 3 x 365 dias que precede imediatamente o momento da enunciação, ou seja, *grosso modo*, para o mesmo cenário de enunciação, de Setembro de 2007 até Setembro de 2010. Na leitura do primeiro tipo, estão envolvidos anos do calendário; na leitura do segundo tipo, anos enquanto medida de tempo. Ora, o que exemplos como (5) e (6) abaixo mostram é que factores pragmáticos podem determinar a selecção da leitura relevante:

- (5) Quem foram as Miss Universo nos últimos três anos?
[leitura do tipo 1¹]
- (6) Quais foram os problemas desta empresa nos últimos três anos? [leit. do tipo 2]

O segundo exemplo envolve uma ambivalência em expressões definidas como *no domingo* (notada por Hans Kamp acerca de expressões inglesas equivalentes, como *on sunday*; cf. Kamp & Reyle 1993; Kamp & Schiehlen 2002).

- (7) Chegámos *no domingo*. [= no domingo passado]
- (8) Chegaremos *no domingo*. [= no próximo domingo]
- (9) Partimos *no domingo*. [ambiguidade de interpretação]

¹ Poderão estar envolvidos os anos do calendário 2008, 2009 e 2010 (em vez de 2007, 2008, 2009), se a eleição da Miss Universo no ano de 2010 preceder o momento da enunciação (cf. Mória 2003, para uma análise de restrições semelhantes em estruturas com contagem de entidades temporalmente ordenadas, e o que se diz adiante, em 2.2, acerca do exemplo (44)).

Como se pode verificar, o sintagma *no domingo* pode referir-se quer ao domingo que precede imediatamente o dia em que tem lugar a enunciação, caso em que equivale a "no domingo passado", quer ao domingo que se segue a esse dia, caso em que equivale a "no próximo domingo". A interpretação pode ser determinada com auxílio de pistas semânticas, como o tempo verbal da frase matriz: em (7), o pretérito *chegámos* remete para a leitura de anterioridade; em (8), o futuro *chegaremos* remete para a leitura de posterioridade; em (9), a forma ambígua (entre pretérito e presente com valor futuro) *partimos* dá previsivelmente origem a uma dupla leitura da expressão temporal. Interessa agora sublinhar que factores pragmáticos, como o "conhecimento partilhado" ou "commonground", podem também condicionar de forma interessante a interpretação. Veja-se o que acontece numa frase como *que grande dia no domingo, hein?* Neste caso, o enunciador pode estar a referir-se tanto ao domingo que precede o dia em que tem lugar a enunciação como àquele que se lhe segue, como ainda a qualquer outro domingo (passado ou futuro) mais distante que por alguma razão esteja saliente na mente dos interlocutores (e.g. um domingo passado em que a equipa de futebol dos interlocutores ganhou com uma expressiva vitória a um adversário difícil ou um domingo futuro em que se vai realizar um jogo importante e decisivo dessa mesma equipa).

C. Estrutura temporal das situações (ou *Aktionsart*)

Uma terceira área importante de interacção entre semântica temporal e pragmática envolve a estrutura temporal das situações, mais concretamente o modo como os valores básicos de *Aktionsart* e a mudança desses valores são condicionados por factores pragmáticos. Como é sabido, as situações que referimos nos discursos podem subclassificar-se (dando origem a categorias ditas aspectuais) com base em parâmetros temporais, ou predominantemente temporais,

nomeadamente: se são instantâneas ou têm duração; qual o grau de homogeneidade com que se realizam no tempo; se possuem ou não um ponto de culminação intrínseco (cf. e.g. Vendler 1967, Dowty 1979, Moens 1987, Eberle 1998). Ora, esta subclassificação (tradicionalmente em estados, processos, processos culminados e eventos pontuais), que afecta todo o processamento da informação temporal nos discursos, pode ser condicionada por factores pragmáticos. Verifiquemo-lo, mais uma vez, através de dois exemplos.

O primeiro, descrito em Mória (1995), envolve a interpretação de situações estativas em frases com adjuntos temporais com *até*. Sequências como *um computador estar na sala* ou *um computador estar arranjado* podem ser analisadas, sem grande controvérsia, como descrições de estados. Porém, uma frase como *o computador estará na sala até ao final da semana* é ambígua: numa leitura (chamada durativa), o computador está e permanecerá na sala até ao momento indicado, caso em que a expressão relevante funciona como a descrição de um genuíno estado; noutra leitura (chamada inclusiva), o computador ainda não está – mas passará a estar – na sala, caso em que a mesma expressão remete para uma situação não estativa (a de o computador ser levado para a sala). Diferentemente, uma frase – com uma estrutura paralela – como *o computador estará arranjado até ao final da semana* é curiosamente não ambígua: só pode significar que o computador ainda não está arranjado, mas ficará nesse estado até à data indicada. Claramente, o que acontece é que a leitura durativa – "o computador está e continuará arranjado (até à data indicada)" – é excluída por razões pragmáticas, dado o reconhecimento da dificuldade de antever o fim de situações deste tipo.

Um segundo exemplo contempla descrições de situações pontuais – estudadas pormenorizadamente em e.g. Moens 1987 – como *atingir o topo da montanha*, *achar acidentalmente uma moeda de ouro* ou *espirrar subitamente*. Em certos casos, estas

descrições (de situações sem duração, por definição) podem combinar-se com adjuntos de duração como *em menos de cinco dias*. Nesses casos, actua um processo de reinterpretação, tecnicamente conhecido como **Aktionsart shift** ou **mudança aspectual**, em que se associa um processo preparatório ao evento pontual, que passa a ser interpretado como tendo duração. Ora, o que interessa notar é que este processo reinterpreativo nem sempre é possível e depende muitos de questões pragmáticas. Note-se que a frase *o Paulo atingiu o topo da montanha em menos de cinco dias* permite facilmente este tipo de reinterpretação, mas as frases *o Paulo achou acidentalmente uma moeda de ouro / espirrou subitamente em menos de cinco dias* não permitem. Como é evidente, a leitura com mudança aspectual é excluída pela dificuldade de associar um processo preparatório a eventos entendidos (por conhecimento do mundo²) como fortuitos.

D. Ordenação temporal de situações no discurso

Uma quarta área importante de interacção semântica temporal / pragmática diz respeito à ordenação temporal do discurso, nomeadamente à forma como factores pragmáticos condicionam o encadeamento temporal das situações descritas num texto. Esta área tem sido muito investigada nas últimas duas décadas, sendo de destacar, entre muitos outros, os trabalhos de Nicolas Asher e Alex Lascarides sobre **relações retóricas ou discursivas** (e.g. Asher 1993, Lascarides e Asher 1993, Asher e Lascarides 2003). A observação de partida é que qualquer sequência de frases reflecte uma ordenação temporal – com avanços, paragens e retrocessos narrativos –, mesmo na ausência de marcadores temporais explícitos, e que essa ordenação é condicionada fortemente por aspectos (pragmáticos) do conhecimento do mundo, nomeadamente das relações naturais entre tipos de situações. O texto (10) e as sequências de frases

² A interpretação relevante é aqui reforçada por pistas linguísticas – nomeadamente o uso dos advérbios *acidentalmente* e *subitamente* –, mas não é obrigatório que isso aconteça.

(11)-(13) – sem adjuntos temporais relevantes e com todos os verbos no pretérito perfeito simples – são ilustrativos desta afirmação.

- (10) A casa ardeu._[TEMPO INICIAL] Foi atingida por um raio durante uma tempestade._[RETROCESSO] Os proprietários mandaram demolir a parte ardida._[AVANÇO] Reconstruíram todo o primeiro piso._[AVANÇO] Usaram sempre materiais de boa qualidade._[PARAGEM] O resultado foi apreciado por toda a gente._[AVANÇO]
- (11) O Paulo caiu. Escorregou numa casca de banana.
[valor de anterioridade; relação de EXPLICAÇÃO]
- (12) O Paulo caiu. Fez uma ferida na perna / A Ana desatou a rir.
[valor de posterioridade; relação de RESULTADO ou de NARRAÇÃO]
- (13) O Paulo caiu. Saltou. Gritou. Correu. Ficou sujo. Enfim, passou uma tarde bem divertida no parque com as outras crianças.
[ausência de ordenação temporal explícita; relação de CONTINUAÇÃO]

Convém sublinhar que a análise de algumas construções linguísticas implica – de forma muito evidente – a consideração de questões pragmáticas de várias destas quatro grandes áreas simultaneamente. Vejamos, de forma esquemática, dois exemplos concretos, com problemas já discutidos na literatura, que envolvem interações complexas entre tempo verbal, adjuntos temporais e relações discursivas (remetendo, portanto, centralmente para questões de dêixis e anáfora temporal e de ordenação temporal do discurso).

- (i) interpretação de expressões anafóricas e/ou dêicticas particulares, e.g. *entretanto*, em interação com relações discursivas (cf. Alves 2003)

- (14) O Pedro vai a Londres. Entretanto, vai comprar um guia para estudar os locais a visitar e marcar o hotel. [nesta frase, *entretanto* identifica o intervalo entre o momento da enunciação e a ida do Pedro a Londres; o segundo período refere situações contidas nesse intervalo]
- (15) O Pedro vai a Londres. Entretanto, a Ana vai visitar os pais em Roma. [FRASE AMBÍGUA: (i) leitura semelhante à da frase anterior; (ii) *entretanto* identifica o intervalo da estada do Pedro em Londres; o segundo período refere uma situação distinta dessa, mas contemporânea dela]
- (16) O Pedro vai a Londres. #Entretanto, vai visitar o British Museum. [a leitura de tipo (i) é excluída por razões pragmáticas (relevância da visita a Londres, implicada pelo segundo período); a leitura de tipo (ii) é excluída porque a situação referida no segundo período é entendida como parte da situação referida no primeiro (relação de ELABORAÇÃO) – isto é, não se trata de eventos completamente distintos, como em (15) – e *entretanto* não é compatível com essa relação discursiva]
- (ii) interpretação de frases com certos tempos verbais e adjuntos temporais, no que respeita à vagueza na expressão de distâncias temporais [como é evidente, pelos exemplos apresentados, que não comentarei, as diferenças são crucialmente determinadas por razões pragmáticas, de conhecimento do mundo]
- exemplos com o pretérito perfeito simples, ancorado no momento da fala:
[ANTERIORIDADE PRÓXIMA (ao momento da enunciação)]

- (17) Deixei o fogão aceso!³
- (18) Porque é que espirraste?
[ANTERIORIDADE SIMPLES (não necessariamente próxima ou não próxima)]
- (19) Casei com uma italiana.
- (20) Porque é que tiraste um curso de engenharia?
- exemplos com adjuntos temporais com *antes*:
[ANTERIORIDADE PRÓXIMA (possível interpretação como eventos complexos constituídos por sucessões de subeventos encadeados)]
- (21) A Ana bateu à porta antes de entrar.
- (22) A Ana despediu-se antes de sair.
[ANTERIORIDADE SIMPLES (não necessariamente próxima ou não próxima)]
- (23) A Ana teve um filho antes de casar.
- (24) Portugal tornou-se independente antes de a Espanha estar unificada.

Por último, sublinhe-se ainda que valores estritamente pragmáticos – como a cortesia, associada a certos actos de fala – podem ser veiculados através da morfologia verbal, usando formas que estão tipicamente associadas à marcação de valores temporais. É o que acontece nas frases abaixo, em que as formas de pretérito imperfeito e condicional presente (ou futuro do pretérito) não têm um valor temporal, remetendo antes apenas para os referidos valores pragmáticos.

- (a) exemplos com actos de fala directivos ou expressivos na primeira pessoa:
- (25) *Queria* um café, por favor.
[vs. *quero*]

³ Cf. exemplo clássico *I didn't turn off the stove*, de Partee (1973).

(26) *Tinha* muita vontade de te dar um beijo.
[vs. *tenho*]

(27) *Desejava* tanto umas férias!
[vs. *desejo*]

(b) exemplos com actos de fala directivos nas segunda e terceira pessoas:

(28) *Poderia / Podia* dizer-me as horas?
[vs. *pode dizer*]

(29) Não me *farias / fazias* um favor?
[vs. *fazes*]

2. Dois estudos de caso: pragmática e processamento de adjuntos temporais

Num livro relativamente recente sobre semântica e pragmática, Javier Gutiérrez-Rexach expressou a opinião de que "the fine-grained analysis of linguistic data can drive theoretical processes and function as a retro-feeding device vis-à-vis scientific progress" (Gutiérrez-Rexach 2002: 3). Nesta secção, recorrerei a estudos sobre dois tipos de adjuntos temporais que realizei anteriormente para dar força a esta hipótese. Por outras palavras, mostrarei aqui – de forma necessariamente sumária, por limitações de tempo – que a análise linguística de grande pormenor (especialmente quando dirigida por preocupações de formalização) pode ser notavelmente reveladora e ter mesmo uma função heurística, uma vez que torna patentes aspectos subtis que poderiam escapar à atenção numa reflexão teórica genérica. Consequentemente, verifica-se que este tipo de análise pode influenciar decisivamente a discussão mais ampla sobre como é que semântica e pragmática se interpenetram e condicionam mutuamente.

2.1. Expressões de delimitação temporal da quantificação sobre situações

Em diversos trabalhos (Móia 2000, 2001; 2004, 2006), analisei um conjunto particular de expressões temporais que designei como adjuntos de delimitação temporal da quantificação (sobre situações). Aí ficou patente a importância de diferentes factores pragmáticos no processamento da informação temporal, envolvendo e.g. a determinação da unicidade ou pluralidade de eventos, a emergência de implicaturas de exaustividade (em enumerações) ou a relevância de situações a considerar para efeitos de quantificação.

Começemos por observar muito sucintamente os aspectos mais relevantes das construções em causa. Certos adjuntos temporais do português – e.g. expressões com *desde* – são sensíveis à existência de quantificação sobre situações (a qual pode ser expressa directamente, através de quantificadores sobre situações como *n vezes* – cf. (30b) – ou indirectamente, através e.g. de quantificadores sobre objectos – cf. (31b)). Observem-se os seguintes contrastes:

- (30) a. *O Paulo casou *desde 1990*.
 b. O Paulo casou três vezes *desde 1990*.
- (31) a. *O Jumbo morreu no Jardim Zoológico de Lisboa *desde 2005*.
 b. Vinte elefantes morreram no Jardim Zoológico de Lisboa *desde 2005*.

As construções em *b* têm uma particularidade interessante: o intervalo representado pela expressão temporal (com *desde*) – *t* – serve como moldura temporal para delimitar uma quantificação sobre situações. Mais concretamente, a situação (complexa) descrita na frase matriz (o Paulo casar três vezes, vinte elefantes morrerem no Jardim Zoológico de Lisboa) é o somatório de todas as situações do tipo descrito (o Paulo casar, um elefante morrer no Jardim Zoológico de Lisboa) que

ocorrem dentro desse intervalo **t**. Há portanto um **requisito de maximidade** envolvendo **t** (metaforicamente, ele é totalmente "varrido" de modo a reunir todos os subeventos relevantes nele incluídos), que é a marca distintiva desta construção.

Verifica-se, concomitantemente, que expressões que induzem uma leitura de evento único existencialmente quantificado (sem obrigar a um "varrimento" total do intervalo relevante) não permitem legitimar o uso de adjuntos com *desde*. Assim, por exemplo: (i) uma frase simples como *três estudantes compraram um computador nesta loja* pode ter uma leitura distributiva (envolvendo três eventos distintos distribuídos no tempo) ou grupal (envolvendo um evento único complexo); como é de prever, ao adicionar-se uma expressão com *desde* – *três estudantes compraram um computador nesta loja desde a semana passada* –, apenas a leitura distributiva subsiste (já que a leitura grupal está associada a um evento único); (ii) expressões como *juntos, colectivamente, ao mesmo tempo, de uma só vez* e afins eliminam o carácter legitimador das expressões quantificadas, visto que impõem um leitura de evento único: *o Paulo avistou três águias (*juntas) desde domingo; três pessoas receberam este prémio (*colectivamente) desde 1980; a Ana comprou cinco vestidos (*ao mesmo tempo) desde a semana passada; 80 % deste edifício foi destruído (*de uma só vez) desde 1980.*

Avaliemos agora em que medida a pragmática condiciona a interpretação das estruturas com delimitação temporal da quantificação. Destacarei aqui dois aspectos. Em primeiro lugar, a leitura de evento único – e a conseqüente eliminação do carácter legitimador das expressões quantificadas – pode ser induzida pragmaticamente, por razões de conhecimento do mundo. Observem-se as seguintes sequências:

- (32) a. Uma máquina destruiu três edifícios desde a semana passada.
 b. *Uma bomba destruiu três edifícios desde a semana passada.

- (33) a. O Paulo enriqueceu muito com o aluguer deste terreno desde 1990.
 b. *O Paulo enriqueceu muito com a venda deste terreno desde 1990.

Existem contrastes comparáveis com quantificadores directos sobre eventos (*n* vezes):

- (34) a. O Paulo bateu à porta (da Ana) três vezes antes de entrar.
 [leitura preferencial: evento único complexo]
 b. O Paulo bateu à porta da Ana três vezes e ela nunca lhe abriu.
 [leitura preferencial: três eventos distintos]
 c. O Paulo bateu à porta (da Ana) três vezes desde esta manhã.
 [só é possível leitura de três eventos distintos]

Como é evidente, a possibilidade de obter uma leitura de evento único complexo (constituído por subeventos sucessivos) para descrições de situações com *n* vezes é condicionada pragmaticamente: *bater à porta / acenar / assobiar / piscar o olho três vezes* aceitam facilmente esta interpretação, ao contrário de *casar / ler Os Maias três vezes* ou *bater à porta noventa e cinco vezes*.

Em segundo lugar, verifica-se que uma enumeração exaustiva (através de coordenação copulativa) de eventos relevantes ocorridos dentro do intervalo identificado por *desde* também legitima o uso destas expressões temporais; por outras palavras, em exemplos como os que se seguem actua uma implicatura de enumeração exaustiva: *desde 2005, o Paulo teve sarampo, papeira e varicela; o Paulo desenhou esta casa, esta ponte e esta igreja desde 2005; o Paulo construiu esta casa, pintou este muro e aumentou esta garagem desde o ano passado*. Naturalmente, a exaustividade está sujeita a um **requisito (pragmático)**

de relevância: na segunda frase, por exemplo, pode estar a enumerar-se obras em cuja construção o Paulo – como arquitecto – esteve envolvido, sendo irrelevantes outros desenhos que ele possa ter feito, como artista plástico, por hipótese. Este tipo de limitações (pragmáticas) no processamento semântico, verifica-se igualmente para estruturas com operadores de exclusão (*só*), que também legitimam as expressões com *desde* do tipo em análise. Uma frase como *o Paulo só trabalhou na tese desde o ano passado* pode ter uma leitura (entre várias outras que aqui não considerarei) parafraseável por: “o Paulo fez uma única coisa desde o ano passado: trabalhar na tese”. Obviamente, aplicam-se restrições, a definir contextualmente, ao tipo de eventos que estão “em contraste” com a elaboração da tese: trabalhar noutras publicações, escrever um romance, passar metade do ano de férias, poderiam facilmente estar, mas não respirar, comer, dormir, ou (eventualmente) ir alguma vez ao cinema, por exemplo.

2.2. Expressões de contagem de entidades temporalmente ordenadas

Construções em que há contagem de entidades temporalmente ordenadas, como as que analisei em Mória (2000, 2003), evidenciam a relevância de factores pragmáticos, por exemplo, na determinação de inferências acerca das distâncias temporais entre situações ou na selecção de intervalos envolvidos no processamento semântico.

Observemos brevemente as construções em causa. Em português, existem expressões temporais complexas que definem intervalos através de **medição** (retrospectiva ou prospectiva) de tempo a partir de um ponto de ancoragem temporal, como *Paulo saiu há dez minutos*; *o Paulo saiu meia hora antes do fim da aula*; *o comboio sai daqui a um quarto de hora*. Estas expressões possuem variantes – menos estudadas na literatura – em que a operação relevante é a **contagem** de entidades

discretas temporalmente ordenadas (cuja análise formal é substancialmente distinta). Os conectores temporais usados nas construções de medição e nas construções de contagem são os mesmos (e.g. *há*, *antes* ou *daqui a*); a diferença reside nos seus complementos, que no caso da contagem são predicados que identificam entidades temporalmente descontínuas, de diferentes subtipos. Num primeiro grupo, incluem-se **predicados temporais comuns** (que designam intervalos que recorrem ciclicamente, como os dias da semana, os meses ou as estações do ano): *o Paulo já não vai à igreja há três domingos*; *o Paulo não dorme há três noites*; *um avião indonésio aterrou no aeroporto da Portela há três fins-de-semana*. Num segundo grupo, integram-se **predicados situacionais** (que referem eventos recorrentes, que podem repetir-se com uma periodicidade regular, mais ou menos fixa, ou não): *o professor começou a analisar a obra de Goethe há três aulas*; *Portugal não ganha uma medalha de ouro há três Jogos Olímpicos*; *o Paulo já não come peixe há cinco refeições*; *o Partido Popular não ultrapassa 10% há mais de cinco eleições*; *este camião TIR não tem problemas há mais de cinco viagens*. Num terceiro grupo, encontramos **predicados que representam objectos** (associados a determinados intervalos do eixo do tempo e, através dessa associação, ordenados no tempo): *A – Passaste com o sinal vermelho!* *B – Quando?* *C – Há três semáforos atrás.*⁴ Vejamos agora algumas particularidades semântico-pragmáticas destas construções de contagem.

(i) inferências envolvendo distâncias temporais

O conhecimento do mundo sobre a periodicidade dos intervalos do calendário ou das situações descritas pode legitimar

⁴ As construções de contagem ocorrem com mais frequência com certos nomes e em certos tipos de discurso (e.g. discurso desportivo). Por exemplo, pesquisas no *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0 dão o seguinte número de ocorrências, com *há*: *noites* (19), *domingos* (3), *sábados* (1), *fins-de-semana* (1) [predicados temporais]; *épocas* (191), *jogos* (138), *sessões* (55), *encontros* (7) [predicados situacionais ou afins]. Esta distribuição é por si só uma interessante questão pragmática, mas não irei considerá-la aqui.

inferências sobre a distância que separa o ponto de ancoragem da contagem temporal (e.g. o momento da enunciação) e a situação referida na estrutura matriz (o que permite relacionar frases com expressões de contagem e com expressões de medição).

- (35) o Paulo casou *há três domingos* → o Paulo casou *há entre duas e três semanas*
- (36) Portugal não ganha uma medalha de ouro *há três Jogos Olímpicos* → Portugal não ganha uma medalha de ouro *há entre doze e dezasseis anos*
[... *há cerca de catorze anos*, se a enunciação for em 2010]
- (37) este camião TIR não tem problemas *há mais de cinco viagens* → ??
[não permite inferir a distância relevante, a não ser que seja conhecida a periodicidade das viagens ou o intervalo entre cada uma delas]
- (ii) relevância do intervalo específico designado (condicionando a opção entre construções de medição e construções de contagem)

As construções que envolvem contagem são mais complexas do ponto de vista da computação semântica que as que envolvem medição e parecem ser evitadas quando há construções mais simples que veiculam aproximadamente as mesmas relações temporais – cf. condições para a opção entre as seguintes formas: *celebraram-se trinta casamentos nesta igreja desde há três domingos* vs. *nas últimas três semanas* ; Portugal não ganha uma medalha de ouro *há três Jogos Olímpicos* vs. *(nuns Jogos Olímpicos) há mais de catorze anos*. Claramente, um factor que favorece o uso das construções de contagem é a relevância (no contexto discursivo) do intervalo específico designado (de modo que uma construção de conteúdo temporal próximo mas

com um predicado de quantidades de tempo – cf. (39) – não seja preferida):

(38) O Paulo não vai à igreja *desde há três domingos*.
Foi a última vez que o padre o viu.

(39) O Paulo não vai à igreja (*desde*) *há três semanas*.
[não evidencia a relevância do domingo em causa]

(iii) relevância dos períodos intervenientes entre os intervalos do tipo mencionado
(traduzida em diferenças semânticas entre construções de contagem com *há* e *desde há*)

Em estruturas que envolvem medição temporal – isto é, com predicados de quantidades de tempo como complemento –, há equivalência semântica entre construções com *há* e *desde há* (apesar das diferenças formais entre operadores). Compare-se, por exemplo, *o Paulo não vai à igreja há um mês e meio* e *o Paulo não vai à igreja desde há um mês e meio*. Diferentemente, em estruturas que envolvem contagem – isto é, com predicados de intervalos quantificados (ou formas afins) – não há necessariamente equivalência semântica entre construções com *há* e com *desde há*. Compare-se, por exemplo, *o Paulo não vai à igreja há três domingos* e *o Paulo não vai à igreja desde há três domingos*. Como se pode facilmente verificar, estas frases não têm as mesmas condições-de-verdade: se o Paulo tiver ido à igreja na quarta-feira que precedeu o momento da enunciação, por exemplo, a frase com *desde* é falsa, mas a frase sem *desde* não o é necessariamente. Isto revela, pois, diferenças na relevância dos períodos intervenientes entre os intervalos do tipo descrito (questão que não se coloca para as construções com medição, em que não há descontinuidade temporal). A diferença de comportamento entre expressões de contagem com *há* e *desde há* em causa reflecte-se visivelmente na sua (in)compatibilidade com adjuntos temporais do tipo de *todos os dias*:

(40) *Um avião etíope aterra em Lisboa *todos os dias há três domingos*.

(41) Um avião etíope aterra em Lisboa *todos os dias desde há três domingos*.

É ainda curioso notar que a (ir)relevância dos períodos intervenientes entre os intervalos do tipo descrito parece condicionar a escolha da construção com ou sem *desde*. Com efeito, se os períodos intervenientes forem irrelevantes, a construção com *há* (construção de duração ancorada) parece ser preferida à construção com *desde há* (construção de localização simples); se esses períodos forem relevantes, obviamente só a construção com *desde há* pode ser usada. Avalie-se a naturalidade dos exemplos seguintes, assumindo que normalmente só se come sopa às refeições, mas pode beber-se vinho quer às refeições quer entre refeições:

(42) O Paulo não come sopa {?desde há duas refeições / há duas refeições}. [equivalentes, assumindo o pressuposto pragmático acima]

(43) O Paulo não bebe vinho {desde há duas refeições / há duas refeições}. [não equivalentes, assumindo o pressuposto pragmático acima]

(iv) relevância para efeitos de contagem dos intervalos que contêm o ponto de ancoragem temporal – e.g. o momento da enunciação (traduzida também em diferenças semânticas entre construções com *há* e *desde há*)

Tendo presente um cenário em que a enunciação ocorre num domingo, comparem-se as seguintes frases:

(44) Um avião etíope aterra neste aeroporto *há três domingos*.

- (45) Um avião etíope aterriza neste aeroporto *desde há* três domingos.

Como se pode facilmente comprovar, em (44), o domingo da enunciação pode contar ou não como um dos três relevantes, dependendo de nele ter ocorrido ou não uma situação do tipo descrito na estrutura matriz. Veja-se que essa frase pode ser continuada por (i) *hoje chegou mais cedo que das outras duas vezes* ou (ii) *vamos ver se hoje também aterriza e no mesmo sítio das outras três vezes*. Mais genericamente, isto acontece em todas as construções de contagem com *haver* ou operadores afins e tem, naturalmente, importantes consequências para a formalização das condições-de-verdade das estruturas. Já na frase (45), o domingo da enunciação parece nunca contar como um dos três relevantes, independentemente de ele conter ou não uma aterragem do tipo descrito.

Concluindo, verificámos nesta apresentação que a interpretação semântica da informação temporal depende de forma muito forte e complexa de factores pragmáticos e que essa dependência é extraordinariamente diversificada na sua expressão linguística, constituindo uma interessante e – ainda em grande parte inexplorada – área de investigação.

Referências

- ALVES, Ana Teresa. *Sobre a Localização Temporal Adverbial Anafórica em Português*. Diss. de doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2003.
- ASHER, Nicholas. *Reference to Abstract Objects in Discourse*. Kluwer: Dordrecht, 1993.
- ASHER, Nicholas e LASCARIDES, Alex. *Logics of Conversation, Studies in Natural Language Processing*. Cambridge University Press: Cambridge, 2003.

TELMO MÓIA

BORILLO, Andrée. Les Adverbes de Reference Temporelle dans la Phrase et dans le Texte. *DRLAV Revue de Linguistique* 29, pp. 109-131, 1983.

DOWTY, David. *Word Meaning and Montague Grammar*. D. Reidel: Dordrecht, 1979.

EBERLE, Kurt. The Influence of Plural NPs on Aktionsart in DRT. In: HAMM, Fritz and HINRICHS Erhard (eds.), *Plurality and Quantification*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 55-111, 1998.

GUTIÉRREZ-REXACH, Javier. Introduction. In: GUTIÉRREZ-REXACH, J. (ed.), *From Words to Discourse: Trends in Spanish Semantics and Pragmatics*, Amsterdam: Elsevier, pp. 1-20, 2002.

KAMP, Hans and SCHIEHLEN, Michael. Temporal Location in Natural Languages. In: KAMP, Hans & REYLE, Uwe (eds.) *How We Say WHEN It Happens. Contributions to the Theory of Temporal Reference in Natural Language*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 181-232, 2002.

KAMP, Hans and REYLE, Uwe. *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Kluwer: Dordrecht, 1993.

LASCARIDES, Alex e ASHER, Nicholas. Temporal Interpretation, Discourse Relations and Common Sense Entailment. *Linguistic and Philosophy* 16, 437-493, 1993.

MOENS, Marc. *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Ph.D. thesis. University of Edinburgh (reproduced by the Centre for Cognitive Science, University of Edinburgh), 1987.

MÓIA, Telmo. Aspectos da Semântica das Expressões Temporais com *desde* e *até* – Questões de Aktionsart. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Évora 1994)*. Lisboa: APL, pp. 341-358, 1995.

MÓIA, Telmo. *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*. Ph.D dissertation: Universidade de Lisboa, 2000. [disponível em www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/index.html]

MÓIA, Telmo. Temporal Location of Events and the Distribution of the Romance Counterparts of *Since*-Adverbials. In: CAMPS, Joaquim & WILTSHIRE, Caroline (eds.), *Romance Syntax, Semantics and L2 Acquisition, Selected papers from the 30th Linguistic Symposium on Romance Languages, Gainesville, Florida, February 2000*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 137-152, 2001.

MÓIA, Telmo. On Temporal Constructions Involving Measurement and Counting from Anchor Points – Semantic and Pragmatic Issues. In: JASZCZOLT, K. M. e TURNER, Ken (eds.), *Meaning Through Language Contrast*, Vol. 1, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 45-59, 2003.

MÓIA, Telmo. Sobre a Delimitação Temporal da Quantificação. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 1, 2 e 3 de Outubro de 2003)*, Lisboa: APL, pp. 581-593, 2004.

MÓIA, Telmo. On Temporally Bounded Quantification over Eventualities. In: EBERT, Christian & ENDRISS, Cornelia (eds.), *Proceedings of the Sinn und Bedeutung 10*, ZAS Working Paper in Linguistics, pp. 225-238, 2006.

PARTEE, Barbara. Some Structural Analogies Between Tenses and Pronouns. *The Journal of Philosophy* 70.18: 601-609, 1973.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. Cornell University Press, Ithaca: New York, 1967.